

16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

## PANDEMIA E INDÚSTRIA DA MODA NO BRASIL: IMPACTOS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO

*Pandemic and fashion industry in brazil: impacts on labor relations*

Contino, Joana M.; PhD; UNESA, ESPM-RJ, joanacontino@hotmail.com<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende debater sobre os impactos da pandemia na força de trabalho da indústria da moda no Brasil. Apresentamos um breve panorama do setor e refletimos sobre a situação dos profissionais dessa cadeia produtiva, intensiva em trabalho de baixa qualificação e com muitos postos informais. O que torna os trabalhadores facilmente descartados em momentos de baixa lucratividade e, logo, mais vulneráveis diante da crise.

**Palavras chave:** Indústria da moda; pandemia; precarização do trabalho.

**Abstract:** *This article aims to discuss the impacts of the pandemic on the workforce of the fashion industry in Brazil. We present a brief overview of the sector and reflect on the situation of professionals in this production chain, that is intensive in low-skilled work and has many informal workers. This makes them easily discarded in low profitability times and, therefore, more vulnerable when installed the crisis.*

**Keywords:** *Fashion industry; pandemic; precariousness of work.*

### Introdução

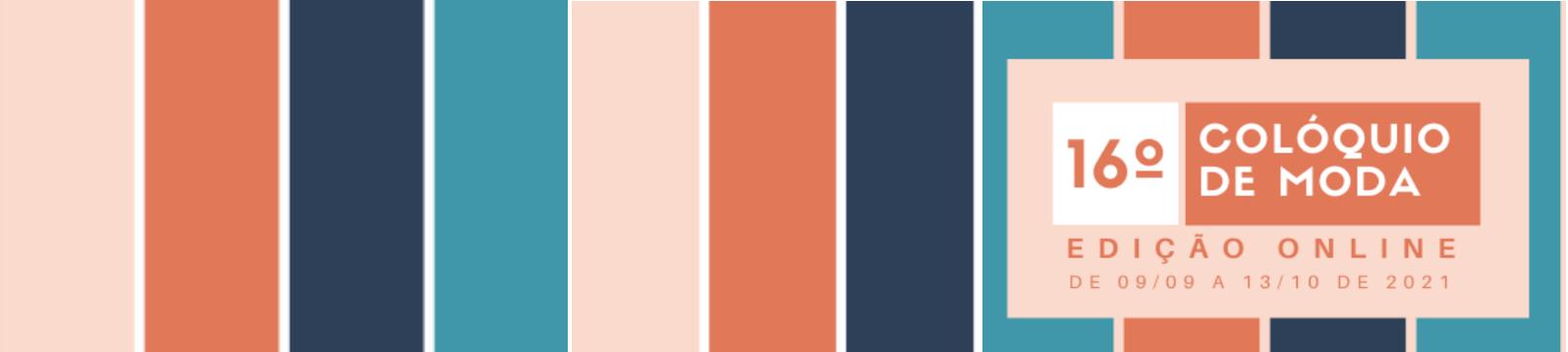
Não é de hoje que a indústria têxtil e de confecção de vestuário brasileira vem lutando contra a crise. Em 2020, a Covid-19 trouxe novos desafios para essa indústria. O presente artigo pretende debater sobre os impactos da pandemia nas relações de trabalho na produção de vestuário no Brasil e tem como objetivo investigar em que medida a redução do consumo, decorrente da crise sanitária e econômica desencadeada pela disseminação do coronavírus, intensifica a precarização do trabalho na indústria de confecção nacional.

Este trabalho, de cunho bibliográfico e documental, é resultante de pesquisa ainda em curso que vem sendo realizada pelo Programa Pesquisa Produtividade na Universidade Estácio de Sá, bem como da realização de projeto contemplado pelo programa de Auxílio ao Pesquisador Recém-contratado (ARC) da FAPERJ.

---

<sup>1</sup> Mestre e doutora em Design pela PUC-Rio e professora dos cursos de Design na UNESA e na ESPM-RJ e docente e pesquisadora no Mestrado em Gestão na Economia Criativa na ESPM-RJ.





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

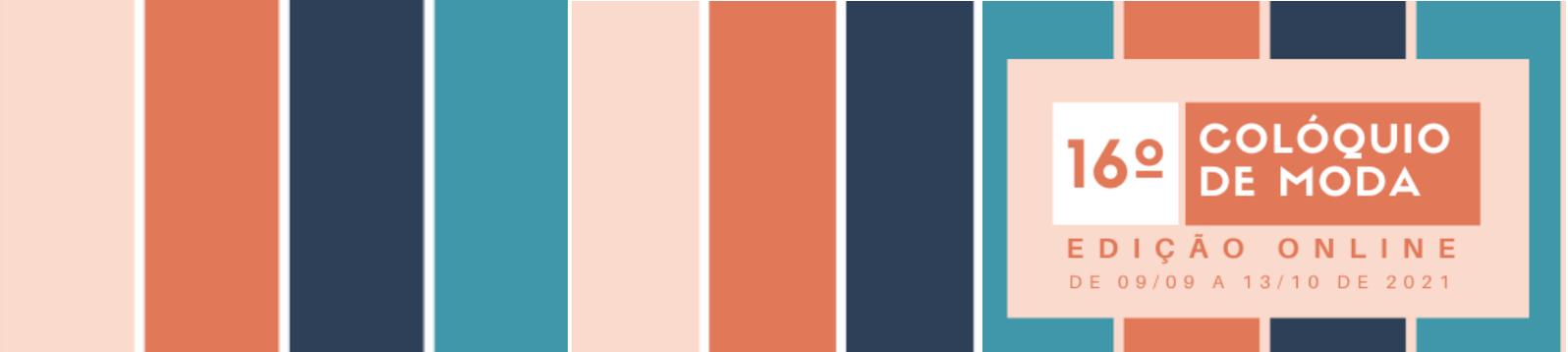
A pesquisa foi elaborada a partir de referencial teórico proveniente do materialismo histórico e da sociologia do trabalho e é justamente nisso que reside sua originalidade, visto que essa é uma abordagem pouco utilizada pelos pares do Campo do Design de Moda. Estamos convictos que o tipo de análise proposto aqui contribui para a reflexão crítica na Moda porque busca a compreensão das dinâmicas dos processos de produção a partir do seu elemento central: o trabalhador, sem o qual a produção de valor e reprodução e ampliação do capital não poderia ocorrer.

Iniciamos nossa exposição apresentando um breve panorama do setor e dados sobre a redução do volume das vendas e da produção nacional durante a pandemia. Considerando que a cadeia produtiva da moda brasileira já vinha sofrendo uma redução de produtividade e diminuição de postos de trabalho devido à concorrência de países com menor custos de trabalho, buscamos refletir sobre a situação dos seus profissionais, e os impactos sofridos por ele em decorrência da Covid-19, especialmente aqueles empregados na confecção de vestuário.

### **Panorama da indústria da moda no Brasil**

Historicamente, a indústria de vestuário é um setor produtivo muito relevante para a economia e o emprego no mundo e no Brasil. Nosso país é o quarto produtor mundial de artigos de vestuário e ocupa a quinta posição entre os maiores produtores de manufaturas têxteis, sendo responsável por 2,8% do total da fabricação global de vestuário e 3,0% de têxteis. Apesar de ser uma indústria de expressiva importância econômica, nos últimos anos, os setores têxtil e de confecção brasileiros vêm perdendo competitividade frente aos países onde a força de trabalho é mais barata e a produção de têxteis e vestuário vem caindo mesmo em épocas de crescimento do varejo já que, paulatinamente, os produtos nacionais vêm sendo substituídos por importados (ABIT, 2013). Em documento publicado em 2011, a ABIT já apontava para fragilidades da cadeia têxtil brasileira em relação a países como China, Índia, Coreia, Indonésia e Tailândia (ABIT, 2011). O último saldo positivo da balança comercial do setor foi em 2005 e, desde então, o déficit vem crescendo ano a ano. Em 2003, o Brasil importava 100 milhões de



16ºCOLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

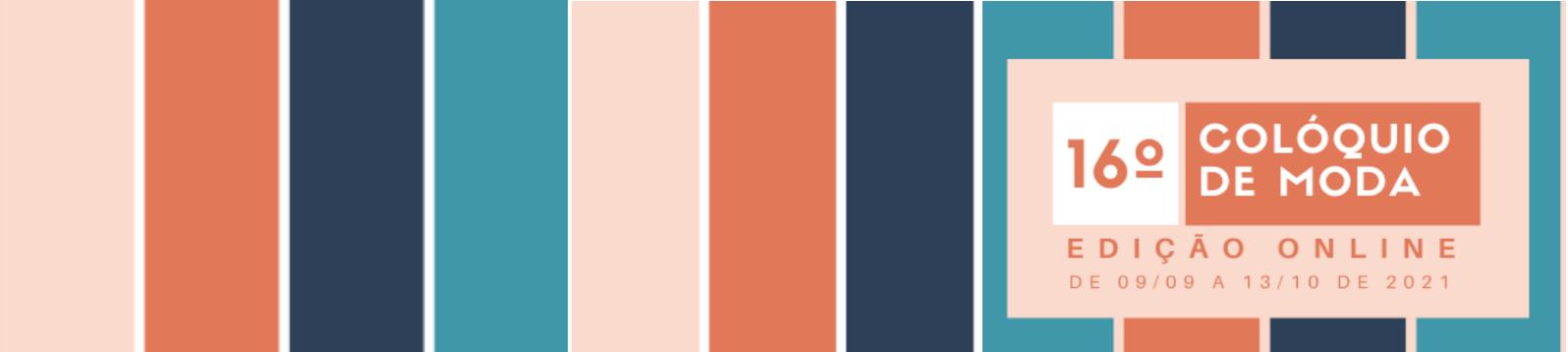
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

dólares em artigos de vestuário e, em 2013, esse valor havia aumentado 23 vezes (ABIT, 2013). Em 2016, a balança comercial do setor teve déficit de US\$ 2 bilhões e, em 2015, esse déficit chegou a US\$ 3,4 bilhões (IEMI, 2017, p. 46). Em 2019, o saldo chegou a US\$ 4,5 bilhões negativos e, em 2020, ficou na marca de US\$ 3,5 bilhões negativos (ABIT, 2021).

Em 2012, segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil (ABIT, 2013), havia no Brasil mais de 32 mil empresas produtoras de artigos têxteis e de vestuário, das quais, 80% eram confecções de médio e pequeno porte. Nelas estavam empregadas de forma direta cerca de 1,7 milhão de pessoas, sendo que 75% delas eram funcionárias do segmento de confecção. Já em 2016, existiam no Brasil 29,6 mil unidades produtivas no setor, das quais 26,8 mil eram de confecção de vestuário. Ao todo, as empresas geravam 1,5 milhão de empregos formais, o equivalente a 18,3% do total de trabalhadores alocados na indústria. Desses, 1,2 milhão trabalhavam na indústria de confecção (IEMI, 2017, p 16). De acordo com dados publicados pelo Instituto de Estudos e Marketing Industrial (IEMI) em parceria com a ABIT, a quantidade de empresas continuou caindo. Em 2017 existiam 27 mil indústrias formais atuando na cadeia têxtil/confecção brasileira, sendo 21 mil no segmento de confecção de vestuário. A quantidade de empregos formais continuou a mesma, em torno de 1,5 milhão (MARIANO, 2018). De acordo com os dados mais recentes disponibilizados pela ABIT, o número de empresas formais no Brasil caiu ainda mais e era de 25,5 mil em 2020 (ABIT, 2021).

Durante os estudos realizados para elaboração da tese de doutorado defendida pela autora em 2019, cujo título é *Design, ideologia e relações de trabalho: uma investigação sobre a indústria da moda no capitalismo tardio*, verificamos que a indústria da moda, especialmente o setor de confecção de vestuário, é de baixa qualificação e baixa intensidade tecnológica, e que o processo de redução do emprego formal que vem ocorrendo nos últimos anos não tem sido ocasionado pelo incremento tecnológico no próprio setor. Ou seja, a redução de postos formais e aumento da exploração do trabalho não é, de modo geral, consequência da utilização de tecnologia de ponta nas unidades fabris produtoras de vestuário. O que ocorre é que, além da flexibilização das leis





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

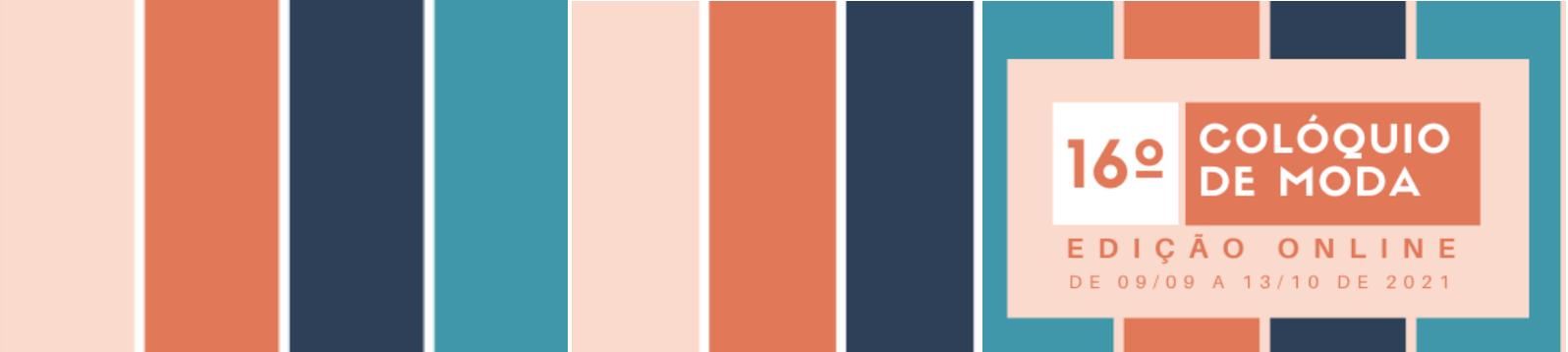
trabalhistas em todo o mundo e também no Brasil, o desenvolvimento tecnológico em outros setores contribui para a desvalorização do trabalho em setores intensivos em força de trabalho. A automação da produção nos setores industriais de ponta amplia o exército industrial de reserva e, naqueles de baixa qualificação, como é o caso da indústria de vestuário, ocorre uma intensificação da precarização do trabalho, além de estimular a concentração e centralização de capital.

Consideramos, portanto, que o desenvolvimento tecnológico capitalista contribui ainda mais para o cenário de precarização do trabalho que já estava posto pelas políticas neoliberais de “flexibilização” e que está sendo intensificado pela pandemia.

### **Impactos da Covid-19 na produção, consumo e nos trabalhadores da moda**

Com a chegada da Covid-19, a já instalada crise na indústria da moda nacional se agravou ainda mais. Na ponta do consumo, com o fechamento das lojas e shoppings, as vendas sofreram uma drástica redução. Pesquisa realizada pela Sebrae aponta que, já na primeira semana de fechamento do comércio, em março de 2020, a queda de faturamento no setor da moda foi de 74%, menor apenas que nos setores de turismo e economia criativa (SEBRAE, 2020). Corroborando com esses dados, a análise realizada pela Ágora Investimentos aponta que o setor de vestuário foi um dos que mais sofreu durante os primeiros meses da pandemia em todas as métricas utilizadas para avaliação: queda nas vendas, redução da margem de lucro, diminuição da demanda e dificuldade para repassar preços (ESTADÃO, 2020). Segundo os números divulgados na pesquisa mensal do comércio realizada pelo IBGE reunidos na tabela abaixo (Tabela 1), o volume de vendas de tecidos, vestuário e calçados teve uma redução bastante considerável desde o início da pandemia no Brasil, especialmente nos primeiros meses: de 42,2% e 60,6% em março e abril de 2020 respectivamente (IBGE, 2020). Essa queda vertiginosa se deveu à diminuição de renda de muitas famílias, consequência imediata da crise provocada pelo Corona vírus, mas também a outro fator essencial: a indústria da moda é particularmente estimulada pelo convívio social. Assim, o isolamento freou o consumo de vestuário,





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

impactando, especialmente no início da pandemia, até mesmo a venda pelo comércio eletrônico.

Do mês seguinte, maio, até o mês de agosto, notou-se uma tendência de recuperação decorrente da adaptação das empresas ao comércio *online*, da reabertura das lojas físicas e da injeção na economia com o auxílio emergencial. Além disso, a retomada de muitas atividades possivelmente fez com que o consumidor se sentisse mais estimulado ao consumo de moda. No entanto, em relação ao mesmo período de 2020, houve uma redução do volume de vendas. No mês de maio, por exemplo, a despeito do aumento de 100,6% em relação a abril, vendeu-se menos 62,5% do que no ano anterior. Em setembro, houve uma pequena queda no volume de vendas, com retomada da recuperação em outubro e novembro (6,6% e 3,6%, respectivamente), provavelmente devido à proximidade do Natal. Curiosamente, em dezembro, tradicionalmente um mês de vendas aquecidas, ocorreu novamente uma redução de 13,3% em relação a novembro, apresentando volume 9,9% menor do que no ano passado.

Conforme demonstrado na tabela 2 apresentada abaixo, em janeiro de 2021, foi mantida a tendência à diminuição das vendas e, no mês de fevereiro, houve uma recuperação de 7,8%. No entanto, ocorreu uma queda de 18,6% em relação ao mesmo mês de 2020. Em março, os dados apresentam mais uma redução abrupta em relação ao mês anterior, de 41,5%. Ao longo de todo o primeiro ano de pandemia, entre março de 2020 e março de 2021, houve decréscimo das vendas em relação ao mesmo período do ano anterior em todos os meses. A partir de abril de 2021 até junho, mês do último relatório disponibilizado pelo IBGE até a data de elaboração deste artigo, houve um aumento bastante considerável em relação ao ano passado (301,2% em abril, 165,2% em maio e 61,8% em junho), o que pode representar uma tendência à recuperação, provavelmente resultante da ampliação da vacinação e da consequente retomada de atividades. No entanto, é preciso considerar que a base de comparação é bastante negativa: os meses do início da pandemia, em que havia ocorrido uma queda muito brusca em relação ao ano anterior, 2019.



Tabela 1: pesquisa mensal do comércio, dados sobre o volume de vendas de tecidos, vestuário e calçados 2020 (IBGE, 2020).

	3/20	4/20	5/20	6/20	7/20	8/20	9/20	10/20	11/20	12/20
Mês/Mês anterior	- 42,2	- 60,6	100,6	48,9	25,2	30,5	- 2,4	6,6	3,6	- 13,3
Mês/Ano anterior	- 39,6	- 75,5	- 62,5	- 43,6	- 31,4	- 6,5	- 7,2	- 2,6	- 4,9	- 9,9

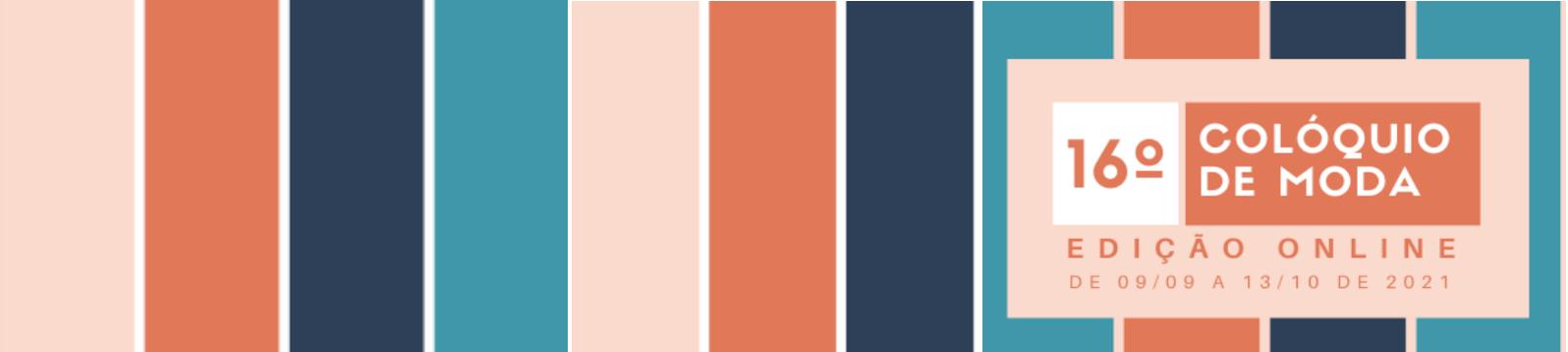
Tabela 2: pesquisa mensal do comércio, dados sobre o volume de vendas de tecidos, vestuário e calçados 2021 (IBGE, 2021).

	1/21	2/21	3/21	4/21	5/21	6/21
Mês/Mês anterior	- 8,2	7,8	-41,5	13,5	16,8	-3,6
Mês/Ano anterior	- 21,1	- 18,6	-12	301,2	165,2	61,8

Naturalmente, essa crise tem se expressado de forma igualmente intensa na outra ponta da cadeia: na produção de vestuário. De acordo com Marcelo Prado, diretor da Inteligência de Mercado (IEMI), no mês de abril de 2020 a produção de vestuário no Brasil caiu mais de 90% (FAVARETTO, 2020). Segundo a ABIT, no primeiro semestre do ano passado, a indústria têxtil e de confecção sofreu redução de 22% em relação ao mesmo período de 2019, e houve uma perda de 70,9 mil postos de trabalho formais. A instituição estimava, em meados de 2020, que até o fim daquele ano esse número chegasse a 79 mil. Para 2021, previa-se que haveria uma retomada com perspectivas de crescimento. Fernando Pimentel, diretor da ABIT antevia “a possibilidade de virmos a criar 17 mil vagas de empregos formais”, caso as projeções de crescimento se materializassem (ABIT, 2020).

No entanto, o recrudescimento da pandemia no Brasil frustrou essa previsão otimista. Em março do ano corrente, o diretor da ABIT afirmou que “a expectativa para 2021 era de recuperar a perda de produção ocorrida em 2020 pela interrupção das atividades”, mas que, naquele momento, o viés era de baixa. E completou que “pelo nosso ritmo de atividade no momento, o primeiro trimestre ficará [ficaria] novamente no terreno negativo” (*apud* MENDES, 2021).

Se o cenário da indústria têxtil e de confecção no contexto da pandemia não parece positivo para boa parte do empresariado, que vê seus lucros diminuírem ou até cessarem, para a classe trabalhadora ele é ainda mais desolador. A cadeia produtiva do setor se



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

caracteriza pelo uso intensivo de força de trabalho de baixa qualificação, não raro com funções com exígua remuneração e condições precárias de trabalho: “são postos de trabalho que vão do plantio do algodão, em uma ponta da cadeia de fornecimento, ao transporte e distribuição de roupa pronta, na outra, passando pela costura, corte, enfeitamento, acabamento etc.” (BIGNAMI, 2020).

A baixa qualificação faz com que, diante da crise, esses trabalhadores fiquem especialmente fragilizados, pois, como desempenham tarefas relativamente simples, são facilmente intercambiáveis por outros. Com a tendência ao desemprego decorrente da crise econômica e intensificada pela pandemia, em um cenário de retomada da produção, os empregadores podem contar com vasta quantidade de profissionais disponíveis e a preços baixos. Em outras palavras, o denominado exército de reserva faz com que as condições da venda da mercadoria força de trabalho sejam desfavoráveis aos trabalhadores, já que eles podem ser substituídos facilmente e há grande concorrência pelos postos.

Outro aspecto que deve ser mencionado é que a força de trabalho no setor de confecção de vestuário é composta em grande parte por trabalhadores informais. De acordo com o estudo Territórios da Moda, realizado pelo Instituto Pereira Passos e em parceria com o Sebrae RJ, “a indústria da moda constituiu-se de tal modo que a terceirização, muitas vezes informal, tornou-se a única forma viável para a organização da produção” (DOS SANTOS, 2011). Não só no Brasil, mas em âmbito global, a informalidade sempre esteve presente nesse setor produtivo, no qual o trabalho domiciliar e o pagamento por peça nunca deixaram de ser utilizados. Entretanto, se antes esse tipo de relação era considerado trabalho informal baseado em relações “arcaicas”, com a conjuntura neoliberal, a subcontratação deixou de ter caráter marginal à produção das grandes empresas e passou a se integrar cada vez mais ao longo da cadeia produtiva. Os dados apresentados pelo *Mapeamento da Cadeia de Moda*, elaborado pelo Sistema Firjan em 2016, demonstram como a informalidade é inerente à produção de artigos de moda. Segundo o documento,

A Cadeia da Moda se caracteriza por possuir uma relevante parcela de profissionais que não fornecem seu trabalho através de um contrato formal com



carteira de trabalho assinada. Diversas atividades desta Cadeia compram a produção – e não o trabalho – de profissionais autônomos ou por conta própria, verdadeiros empreendedores<sup>2</sup> do setor (FIRJAN, 2016, p. 13).

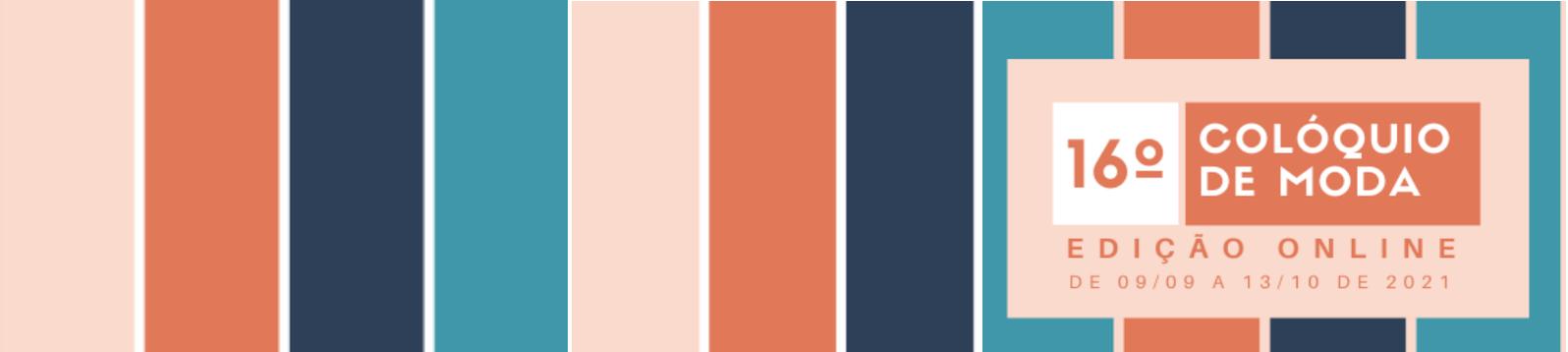
Esses trabalhadores, muitas vezes não aparecem na contabilidade dos dados “oficiais” das instituições. Entretanto, eles são especialmente impactados pelo processo de precarização do trabalho e pelas crises, pois justamente devido à ausência de qualquer tipo de vínculo empregatício, podem ser dispensados sem qualquer ônus para os donos do capital.

Como exemplo desse quadro, mencionamos o relato de Ely, veiculado em matéria na Revista Elle sobre os impactos da pandemia nos trabalhadores do setor. A costureira, boliviana e moradora da cidade de São Paulo, conta que, em 2020, com o fechamento temporário das lojas, os pedidos de confecção de vestuário cessaram e ela teve que aceitar encomendas de máscaras. Durante o período de três meses, foi necessário costurar de seis a sete delas para obter 1 real de pagamento. Segundo Ely, com a reabertura dos estabelecimentos, os pedidos de roupas voltaram. No entanto, os valores pagos pelas peças foram reduzidos ou estagnaram, enquanto os itens básicos à sobrevivência estão mais caros (POERNER, 2021).

É importante considerar ainda que boa parte da produção do setor, especialmente a produção de vestuário, ocorre em pequenas unidades econômicas, compostas por micro e pequenas empresas<sup>3</sup>. De acordo com relatório do BNDES, no Brasil, o segmento de fibras e filamentos é controlado por grandes empresas, a maior parte de origem estrangeira devido aos altos investimentos necessários em tecnologia. O porte médio das empresas diminui conforme se avança para o final da cadeia, e no setor de confecção preponderam as pequenas empresas intensivas em força de trabalho, em sua maioria de

<sup>2</sup> Salientamos que, consideramos que o termo “empreendedorismo” é comumente, utilizado como uma metáfora para camuflar a informalidade, como é o caso da citação acima.

<sup>3</sup> O registro de microempreendedor individual (MEI) foi criado com a finalidade de legalizar o trabalho informal e, de fato, também cumpre esse papel. Porém, em muitos casos, ele é uma forma de mascarar relações de emprego em que, na prática, uma pessoa física presta trabalho para uma empresa e essa última fica, mais uma vez, liberada de encargos e vínculos. Em pesquisa realizada recentemente pela Fundação Perseu Abramo, constatou-se que “a figura do Microempreendedor Individual (MEI) funciona mais como veículo de informalização do que de formalização do trabalho. “As manicures e os motoboys viraram MEI. Estão formalizando a informalidade. O mercado se apropriou dessa brecha para precarizar mais o trabalho” (ABÍLIO *apud* MASCARI, 2019). Tal prática é comum também na produção de vestuário. De acordo com o SEBRAE, em 2020, houve um crescimento dos registros de novos MEIs e o setor em ocorreu o maior aumento foi o de Comércio Varejista de Vestuário e Acessórios (SEBRAE, 2021). Diante dos números apresentados acima sobre a crise na produção e comercialização de produtos de moda, fica evidente que a ampliação dos registros MEI se trata de um processo de precarização do trabalho e não de crescimento econômico e melhoria de renda dos trabalhadores.



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

capital nacional (COSTA; ROCHA, 2009, p. 177-178). Essas pequenas empresas, muitas vezes, são fornecedores de produtos para marcas de moda com maior porte e visibilidade, inclusive para as grandes redes de varejo.

Na indústria da moda, expedientes como a precarização, subcontratação, terceirização<sup>4</sup> são instrumentos para lidar com a sazonalidade e a volatilidade do mercado e aumentar a lucratividade através da diminuição de custos com força de trabalho. Além disso, a necessidade de diversificação dos produtos impõe uma flexibilidade na produção que muitas vezes só pode ser alcançada, a preços competitivos, através desses recursos. Com a finalidade de articular a produção de uma maior quantidade de peças à rapidez na execução e preços mais baixos, as marcas de moda recorrem à (sub)contratação de confecções e fábricas, muitas vezes espalhando sua produção por vários fornecedores. Naturalmente, esses fornecedores, que são as empresas dependentes do grande capital tendem a sofrer os impactos mais severos, imediatos e muitas vezes definitivos da crise no setor.

Por esse motivo, ainda no início da pandemia a *Workers Rights Consortium* (WRC) criou, em associação com a *Penn State's Center for Global Workers' Rights* (CGWR), da Universidade Penn State, dos Estados Unidos, o movimento *Covid-19 Brand Tracker* (rastreador de marca). De acordo com a WRC

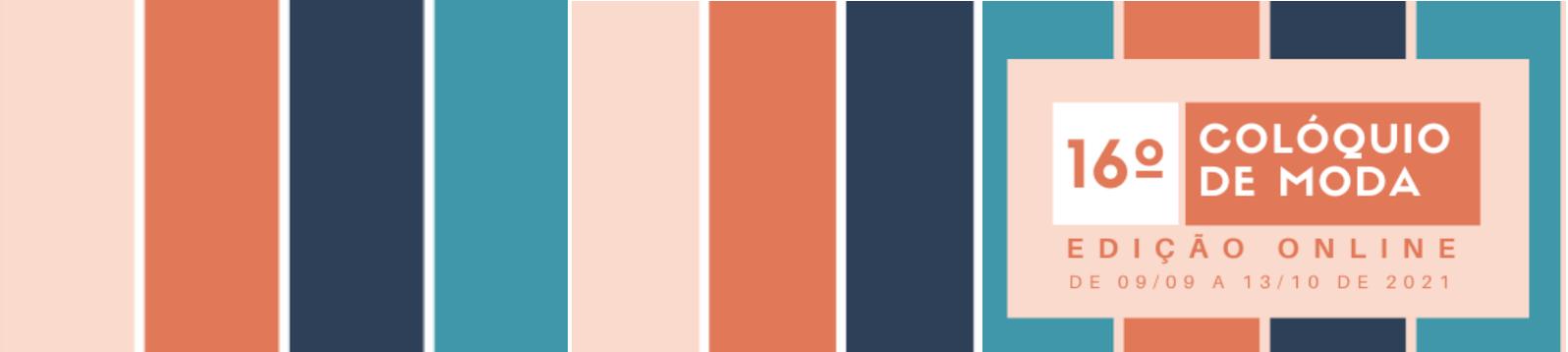
Muitas marcas e varejistas responderam à crise cancelando (ou “retendo”) pedidos ou exigindo reduções retroativas de preços para mercadorias já em produção ou concluídas e prontas para embarque. Em alguns casos, as marcas exigiram grandes descontos, mesmo em pedidos já em trânsito do fornecedor. A pesquisa mostra que isso está levando a demissões em grande escala de trabalhadores, muitas vezes sem indenização obrigatória por lei ou pagamento de licença. Para seu crédito, algumas marcas e varejistas se comprometeram a pagar integralmente todos os pedidos de roupas já em produção ou concluídos, reduzindo significativamente os danos a fornecedores e trabalhadores. Outras não assumiram esse compromisso e estão cancelando todos os pedidos ou impondo cancelamentos ou abatimentos a toda sua base de fornecedores (WCR, 2021a).

Em abril deste ano, a WCR publicou um relatório intitulado *Demitidos, depois roubados: cumplicidade das marcas de moda no roubo de salários durante a Covid-19*

---

<sup>4</sup>Terceirização consiste em delegar a terceiros funções que não digam respeito à atividade-fim do contratante; já na subcontratação, uma empresa ou indivíduo realiza de forma total ou parcial produtos ou serviços que estejam diretamente ligados à atividade-fim do cliente. Na indústria da moda o termo “terceirização” é comumente utilizado para designar ambas as situações.





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

(em tradução livre) em que são apresentados dados sobre demissões e não pagamentos de direitos de trabalhadores da cadeia de fornecimento de grandes marcas globais em diversos países. No documento, a WCR afirma que “o roubo de indenizações da era pandêmica em toda a cadeia global de suprimentos de vestuário muito provavelmente ultrapassa meio bilhão de dólares” (WCR, 2021b). No relatório *Fome na cadeia de suprimentos de vestuário* (em tradução livre), divulgado em novembro de 2020, o consórcio apresenta dados sobre como a segurança alimentar dos trabalhadores do setor de confecção se deteriorou durante a pandemia, levando-os à fome generalizada. Essa dinâmica, segundo a WCR, é um resultado direto das respostas das marcas de vestuário à crise sanitária, aliada à tendência anterior e de longo prazo de pagamento de baixos salários no setor que deixou os trabalhadores desprotegidos (WCR, 2020).

No Brasil, a situação não é diferente. O *Business & Human Rights Resource Centre* divulgou uma pesquisa sobre os reflexos da crise na força de trabalho composta por migrantes na indústria da moda de São Paulo. Esse perfil de trabalhador, de acordo com o relatório, sentiu de forma mais intensa o impacto que ocorreu de forma generalizada no trabalho dos profissionais da cadeia produtiva da moda. Dos 146 entrevistados, 61% contam que estão tendo dificuldades de se alimentar durante a pandemia, 87% afirmam que houve uma redução drástica nos rendimentos e 91% relatam que as encomendas pararam totalmente nos primeiros meses da pandemia (MORAES, 2020).

Finalmente, mencionamos o aspecto técnico, que também surge como alçó dos trabalhadores, estimulando a precarização do trabalho. Como já expusemos, a indústria da moda, especialmente o setor de confecção, é intensivo em força de trabalho e, de modo geral, a redução de postos formais e aumento da exploração do trabalho não é decorrente da utilização de tecnologia de ponta nas unidades fabris produtoras de vestuário.

Isso ocorre porque o próprio movimento de expansão capitalista cria as bases para o desenvolvimento tecnológico e, ao mesmo tempo, para o barateamento da força de trabalho, fazendo com que, em certos setores, seja mais vantajoso ao capital utilizar a força de trabalho disponível a preços baixos do que investir na automação. Até hoje, a



indústria de confecção, graças a algumas de suas características, como a variabilidade dos processos de montagem, dificuldade de utilização de recursos tecnológicos por empresas de menor porte, além da necessidade relativamente baixa de qualificação profissional devido à extrema divisão do trabalho, foi um dos setores “eleitos” para não ter a automação completada.

Isso não significa que essa indústria não esteja sujeita às consequências do desenvolvimento tecnológico capitalista. Por um lado, a crescente automação nos diversos ramos da indústria aumenta o exército industrial de reserva, forçando para baixo o valor da força de trabalho nos setores menos automatizados, com é o caso da confecção de vestuário. Por outro, a adoção das tecnologias digitais, cujo processo de expansão foi acelerado pela pandemia, tornam-se um diferencial competitivo para as empresas. De acordo com matéria veiculada pela ABIT,

O investimento na indústria 4.0<sup>5</sup> é revertido em lucratividade, melhores perspectivas e maior capacidade de adaptação do negócio em um cenário adverso como o da pandemia de Corona vírus. [...] O cruzamento de dados de empresas que adotaram este tipo de tecnologia com as demais revela que as integrantes do primeiro grupo se saíram melhor da crise. Entre aquelas que têm até três tecnologias integradas aos processos, 54% já registram, atualmente, um lucro igual ou maior que o período pré-pandemia (ABIT, 2021).

Logicamente, não é qualquer empresa que pode implementar esse tipo de tecnologia. Essa possibilidade fica restrita àquelas de maior porte. E, apesar de as características específicas do setor de produção de vestuário favorecerem que, em âmbito global, esse ramo industrial seja intensivo em trabalho, elas não impedem a intensificação da automação e a implementação mesmo que parcial da tecnologia de ponta que, por sua vez, estimula a concentração e centralização de capital. Esse processo faz com que as empresas de menor porte e os trabalhadores informais sejam cada vez mais dependentes do grande capital. As micro e pequenas empresas são mais suscetíveis às crises e, no contexto da pandemia, as desvantagens decorrentes das diferenças de capital ficam ainda mais gritantes.

---

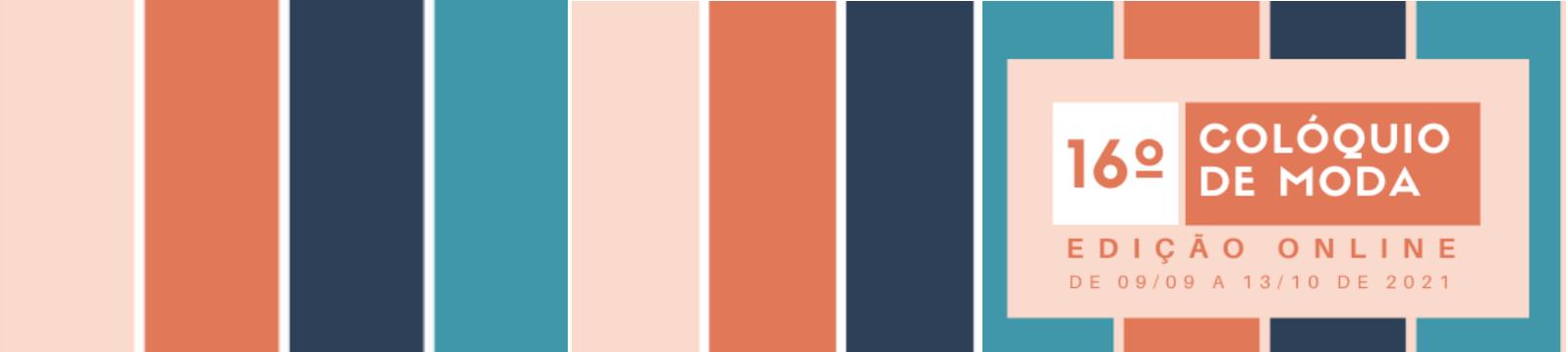
<sup>5</sup> A “Indústria 4.0 é considerada por seus mentores o quarto estágio da Revolução Industrial que estaria começando a acontecer. Ela abrange inovações tecnológicas e novos conceitos de organização das atividades empresariais, tendo quatro componentes principais: sistemas ciberfísicos, a *internet* das coisas, *internet* dos serviços e as fábricas inteligentes.

Ainda que as grandes empresas de moda possam ter sido prejudicadas pelas restrições ao comércio presencial e pela redução do consumo de moda, elas têm muito mais possibilidade de recuperação e adaptação às transformações do mercado. O segmento de artigos de vestuário, calçados e acessórios foi o que mais fechou lojas em 2020 foi o, fechando o ano com 10% menos lojas que em 2019 (ESTADO DE MINAS, 2021). Ao mesmo tempo, nas três maiores varejistas do país, Renner, Riachuelo e C&A, os rendimentos do primeiro semestre de 2021 das três empresas são equivalentes ou superiores aos números de 2019. Os números refletem a capacidade de adaptação dessas empresas: “as vendas *online* da Renner cresceram 126%, no ano passado. Somente no 1º trimestre de 2021, o *e-commerce* da C&A teve alta de 176% em sua receita líquida em comparação ao mesmo período de 2020. Na Riachuelo, o crescimento foi de 204,3% também no primeiro trimestre. (MESQUITA, 2021).

Um fenômeno decorrente da situação vulnerável de uma parcela de empresas que, diante da crise generalizada, acabam necessitando de uma injeção de capital para sobreviverem, são as aquisições e fusões. Um bom exemplo é o Grupo Soma – do qual fazem parte marcas renomadas como Animale, Farm, Cris Barros e Maria Filó – que, desde 2020, vêm fazendo aquisições de outras empresas. Em 2021 o grupo incorporou a tradicional Hering, em uma transação avaliada em 5,14 bilhões de reais. Com essa aquisição, o Grupo Soma se tornou a quinta maior empresa do setor no Brasil (MESQUITA, 2021). Esse processo é uma expressão evidente da tendência à concentração e centralização de capital apontada por Marx.

### **Considerações finais**

No Brasil, a crise sanitária está sendo potencializada pela demora ou até mesmo ausência de ações governamentais no sentido de mitigar os impactos da pandemia e possibilitar a efetiva e duradoura retomada da economia e do emprego. No entanto, mesmo que com uma demora que já se apresenta como maior do que gostaríamos, esperamos que em algum momento isso venha a acontecer. Contudo, nos indagamos se o restabelecimento econômico representará ganhos efetivos para a classe trabalhadora.



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

No caso da indústria da moda a pergunta é: os trabalhadores que de fato produzem as roupas e acessórios serão afetados pela recuperação pós-Covid na mesma medida em que estão sendo prejudicados pela crise?

A análise crítica das disputas recentes entre capital e trabalho e da configuração do setor, infelizmente, aponta para uma resposta negativa, já que a pandemia acelerou um processo de precarização do trabalho já em curso e capitaneado pelas políticas neoliberais de desmonte da legislação trabalhista e pelas tendências capitalistas de concentração e centralização de capital e de aumento da produtividade através da implementação de tecnologia para substituição do trabalho humano.

### Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO (ABIT).

**Panorama do setor têxtil e de confecções.** Brasília: ABIT, 2011. Disponível em <[http://abit.org.br/abitonline/2011/06\\_07/apresentacao.pdf](http://abit.org.br/abitonline/2011/06_07/apresentacao.pdf)>. Acesso em 20 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **Indústria têxtil e de confecção brasileira: cenários, desafios, perspectivas, demandas.** Brasília: ABIT, 2013. Disponível em: <[http://www.abit.org.br/conteudo/links/publicacoes/cartilha\\_rtcc.pdf](http://www.abit.org.br/conteudo/links/publicacoes/cartilha_rtcc.pdf)>. Acesso em 20 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **Empresas com tecnologia 4.0 enfrentam melhor a pandemia.** Brasília: ABIT, 2021. Disponível em <<https://www.abit.org.br/noticias/empresas-com-tecnologia-da-industria-40-enfrentam-melhor-a-pandemia>>. Acesso em 20 ago. 2021.

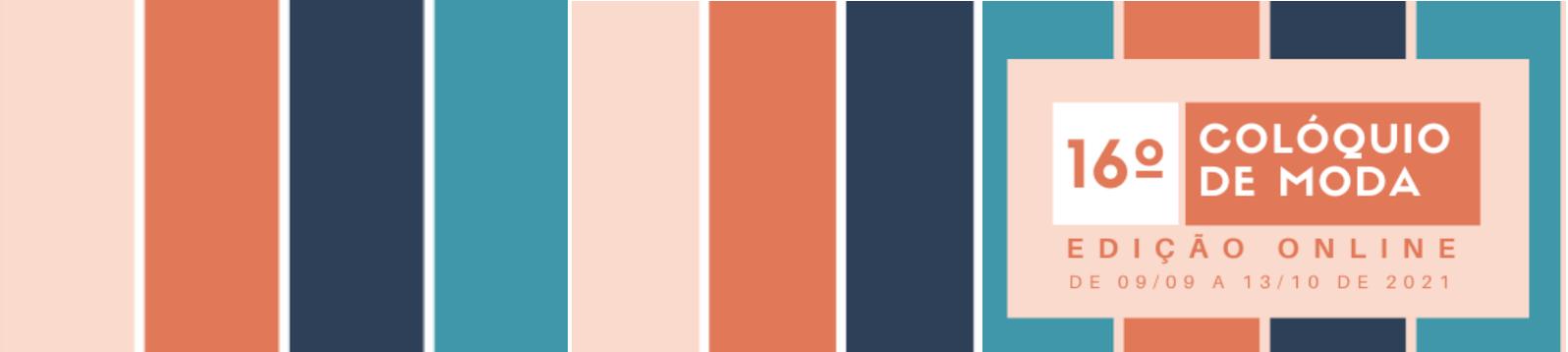
\_\_\_\_\_. **Perfil do setor.** Brasília: ABIT, 2021. Disponível em: <<https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>>. Acesso em 20 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **Retomada efetiva do setor têxtil e de confecção prevista para 2021.** Brasília: ABIT, 2020. Disponível em <<https://www.abit.org.br/noticias/retomada-efetiva-do-setor-textil-e-de-confeccao-prevista-para-2021>>. Acesso em 20 ago. 2021.

BIGNAMI, Renato. Os impactos da covid-19 nas relações de trabalho: quão responsável é a indústria da moda. **Carta Capital**. 9 jun. 2020. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/os-impactos-da-covid-19-nas-relacoes-de-trabalho-quao-responsavel-e-a-industria-da-moda/>>. Acesso em 20 ago. 2021.

COSTA, Ana Cristina Rodrigues da & ROCHA, Érico Rial Pinto. Panorama da cadeia produtiva têxtil e de confecções e a questão da inovação. **BNDES Setorial**, n. 29. Rio de Janeiro: BNDES, 2009. Disponível em





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

<[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/Set2905.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/Set2905.pdf)>. Acesso em 20 ago. 2021.

DOS SANTOS, Elizete Ignácio. **Territórios da moda**: a indústria da moda na cidade do Rio de Janeiro: [Relatório de pesquisa etapa qualitativa]. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2011. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/ipp/exibeConteudo?article-id=2029541>>. Acesso em 20 ago. 2021.

ESTADÃO. Os impactos do Corona vírus em 11 setores. **Estadão**. 12 jun. 2020. Disponível em <<https://investidor.estadao.com.br/mercado/impactos-coronavirus-nos-setores/>>. Acesso em 20 ago. 2021.

ESTADO DE MINAS. Pandemia de Covid 19 levou ao fechamento de mais de 75 mil lojas no país. **Estado de Minas**. 01 mar. 2021. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2021/03/01/internas\\_economia,1242013/pandemia-de-covid-19-levou-ao-fechamento-de-mais-de-75-mil-lojas-no-pais.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2021/03/01/internas_economia,1242013/pandemia-de-covid-19-levou-ao-fechamento-de-mais-de-75-mil-lojas-no-pais.shtml)>. Acesso em 20 ago. 2021.

FAVARETTO, Daniela. A pandemia e seus efeitos na indústria da moda. 19 set. 2020. **Jota Info**. Disponível em: <<https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/a-pandemia-e-os-seus-efeitos-na-industria-da-moda-19092020>>. Acesso em 20 ago. 2021.

FIRJAN. **Mapeamento da cadeia da moda**. Rio de Janeiro: Sistema Firjan, 2016. Disponível em <<https://www.firjan.com.br/publicacoes/publicacoes-de-economia/mapeamento-da-cadeia-da-moda.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

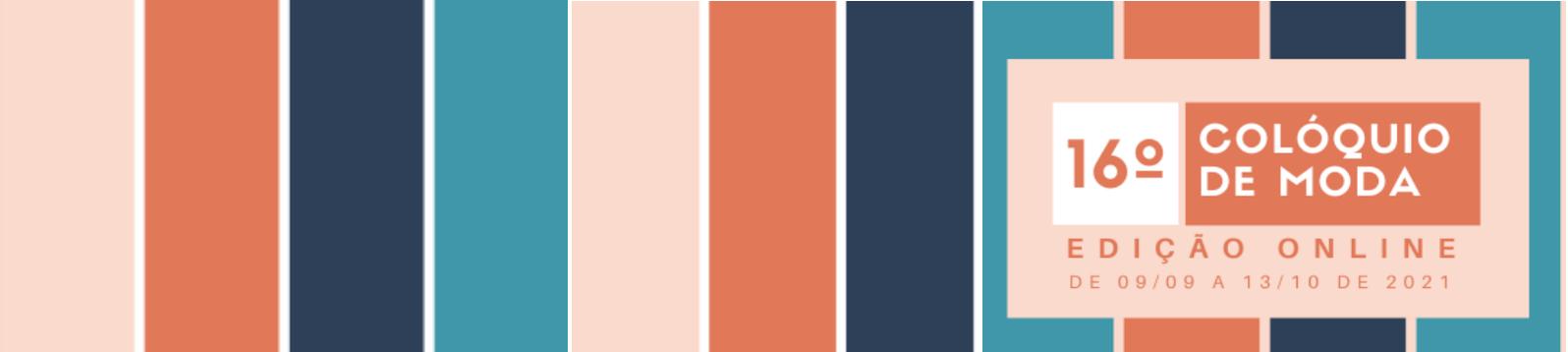
IBGE. **Pesquisa mensal de comércio – março de 2020 a fevereiro de 2021**. Brasília: IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/comercio/9227-pesquisa-mensal-de-comercio.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em 20 ago. 2021.

INTELIGÊNCIA DE MERCADO (IEMI). **Brasil têxtil 2017**: Relatório setorial da indústria têxtil brasileira. São Paulo: IEMI, 2017.

MASCARI, Felipe. “Não existe empreendedorismo, mas gestão da sobrevivência”, diz pesquisadora. **Instituto Humanitas Unisinos**. 27 fev. 2019. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/587031-nao-existe-empendedorismo-mas-gestao-da-sobrevivencia-diz-pesquisadora?fbclid=IwAR0N7KLoG9DbGkvjWAmqH4af3c8s4BC-fIpvj7y2P-ILT-GWqtmo22CdFA8>>. Acesso em 20 ago. 2021.

MARIANO, Marcia. ABIT e IEMI apresentam o balanço da cadeia têxtil nacional. **Textília.net**. 05 out. 2018. Disponível em <[http://www.textilia.net/materias/ler/textil/mercado/abit\\_e\\_iemi\\_apresentam\\_balanco\\_da\\_cadeia\\_textil\\_e\\_vestuario](http://www.textilia.net/materias/ler/textil/mercado/abit_e_iemi_apresentam_balanco_da_cadeia_textil_e_vestuario)>. Acesso em 20 ago. 2021.





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

MENDES, Felipe. Indústria teme novo ano de perdas com piora da pandemia e novas restrições. **Veja**. 4 mar. 2021. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/economia/com-medidas-restritivas-industria-teme-novo-ano-de-perdas-em-2021/>>. Acesso em 20 ago. 2021.

MESQUITA, Giuliana. Como pequenas, médias e grandes marcas estão enfrentando a pandemia. **Revista Elle**. 23 jun. 2021. Disponível em: <<https://elle.com.br/moda/como-pequenas-medias-e-grandes-marcas-estao-enfrentando-a-pandemia>>. Acesso em 20 ago. 2021.

MORAES, Marina. **Mascarando a miséria**: a pandemia de Covid-19 e as(os) trabalhadoras(es) migrantes da indústria da moda de São Paulo. Londres: Business & Human Rights Resource Centre, 2020. Disponível em: <[https://media.business-humanrights.org/media/documents/mascarando\\_a\\_miseria\\_FINAL\\_AGXfBsi.pdf](https://media.business-humanrights.org/media/documents/mascarando_a_miseria_FINAL_AGXfBsi.pdf)>. Acesso em 20 ago. 2021.

POERNER, Bárbara. Nos bastidores da moda, trabalhadores relatam como foram impactados pela pandemia. **Revista Elle**. 23 jun. 2021. Disponível em <<https://elle.com.br/moda/nos-bastidores-da-moda-trabalhadores-relatam-como-foram-impactados-pela-pandemia>>. Acesso em 20 ago. 2021.

SEBRAE. **Os impactos da pandemia no varejo de moda**. São Paulo: SEBRAE-SP, 2020. Disponível em <<https://sebraeseunegocio.com.br/artigo/os-impactos-da-pandemia-no-varejo-de-moda/>>. Acesso em 20 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **Mesmo com pandemia, país registra recorde na abertura de MEI**. Brasília: Agência Sebrae, 2021. Disponível em <<https://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/mesmo-com-pandemia-pais-registra-recorde-na-abertura-de-mei,028f6d7ad1c47710VgnVCM1000004c00210aRCRD#:~:text=Somente%20em%202020%2C%20foram%20registrados,3%20mil%C3%B5es%20de%20MEI%20ativos>>. Acesso em 20 ago. 2021.

WORKERS RIGHTS CONSORTIUM (WCR). **Fome na cadeia de suprimento de vestuário**: resultados da pesquisa sobre o acesso dos trabalhadores à nutrição durante a Covid-19. Washington DC: WCR, 2020. Disponível em: <<https://www.workersrights.org/wp-content/uploads/2021/04/Fired-Then-Robbed.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **Covid-19 Tracker: Which Brands Are Acting Responsibly toward Suppliers and Workers?** Washington DC: WCR, 2021a. Disponível em: <<https://www.workersrights.org/issues/covid-19/tracker/>>. Acesso em 20 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **Hunger in the apparel supply chain**: survey findings on workers' access to nutrition during Covid-19. Washington DC: WCR, 2021b. Disponível em <<https://www.workersrights.org/wp-content/uploads/2020/11/Hunger-in-the-Apparel-Supply-Chain.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2021.

